



Doi: <http://dx.doi.org/10.7213/psicolargum.43.120.A008>

Sobrecarga de mães de Pessoas com Deficiências

The overload of mothers of People with Disabilities

Beatriz de Castro Soares de Barros
Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)
<https://orcid.org/0009-0009-3027-5789>
beatrizcastrosbarros@gmail.com

Aline Alves Ferreira de Rezende
Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)
<https://orcid.org/0000-0002-4034-2190>

Raquel Maria de Castro Soares de Barros
Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)
<https://orcid.org/0009-0003-5432-5572>

Karine Laura Cortellazzi
Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)
<https://orcid.org/0000-0001-9584-9477>

Rosana de Fátima Possobom
Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)
<https://orcid.org/0000-0001-6179-3030>

Resumo

Introdução: A maior ou menor sobrecarga percebida por cuidadores pode ser decorrente do nível de dificuldade do cuidado e do tempo dedicado à pessoa com deficiência, entre outras causas. Estudos mostram que quanto maior o nível de dependência da pessoa que recebe os cuidados, maior a sobrecarga do cuidador. Quando se trata de pessoas com deficiência, as mães são as principais cuidadoras. **Objetivo:** investigar o nível de sobrecarga das mães de pessoas com deficiência e compreender seu nível de Bem-estar espiritual e o nível de dependência dos filhos. **Materiais e métodos:** Foram entrevistadas 45 mães frequentadoras de um centro de reabilitação, que responderam questões para caracterização da amostra e os instrumentos Escala Burden Interview, Escala de bem-estar espiritual e Escala de Medida de Independência Funcional. **Resultados:** Pouca mais da metade das mães (55,6%) não tinha a presença do companheiro, 88,9% viviam com até 3 salários-mínimos e 62,2% não exercia trabalho remunerado. As mães tinham elevado grau de bem-estar espiritual. Em relação aos filhos, 40% apresentaram necessidade de ajuda em até 50% das tarefas cotidianas. **Considerações finais:** Verificou-se um baixo nível de sobrecarga e de dependência dos filhos e elevado nível de bem-estar espiritual. **Palavras-chave:** *Mães, sobrecarga do cuidador, crianças com deficiência, espiritualidade*

Abstract

Introduction: The greater or lesser burden perceived by caregivers may be due to the level of difficulty of care and the time dedicated to the person with disability, among other causes. Studies show that the greater the level of dependence of the person receiving care, the greater the burden on the caregiver. When it comes to people with disabilities, mothers are the main caregivers. **Objective:** to investigate the level of overload of mothers of people with disabilities and to understand their level of spiritual well-being and the level of dependence of their children. **Materials and methods:** 45 mothers attending a rehabilitation center were interviewed, who answered questions to characterize the sample and the instruments Burden Interview Scale, Spiritual Well-Being Scale and Functional Independence Measurement Scale. **Results:** Just over half of the mothers (55.6%) did not have a partner present, 88.9% lived on up to 3 minimum wages and 62.2% did not have paid work. The mothers had a high degree of spiritual well-being. In relation to their children, 40% needed help with up to 50% of their daily tasks. **Final considerations:** There was a low level of overload and dependence on children and a high level of spiritual well-being.

Keywords: *Mothers, caregiver burden, children with disabilities, spirituality*

Resumen

Introducción: La mayor o menor carga percibida por los cuidadores puede deberse al nivel de dificultad del cuidado y al tiempo dedicado a la persona con discapacidad, entre otras causas. Los estudios demuestran que cuanto mayor es el nivel de dependencia de la persona que recibe cuidados, mayor es la carga para el cuidador. Cuando se trata de personas con discapacidad, las madres son las principales cuidadoras. **Objetivo:** investigar el nivel de sobrecarga de madres de personas con discapacidad y comprender su nivel de bienestar espiritual y el nivel de dependencia de sus hijos. **Materiales y métodos:** Se entrevistaron 45 madres que asisten a un centro de rehabilitación, quienes respondieron preguntas para caracterizar la muestra y los instrumentos Burden Interview Scale, Spiritual Well-Being Scale y Functional Independence Measurement Scale. **Resultados:** Poco más de la mitad de las madres (55,6%) no tenía pareja presente, el 88,9% vivía con hasta 3 salarios mínimos y el 62,2% no tenía trabajo remunerado. Las madres tenían un alto grado de bienestar espiritual. En relación con sus hijos, el 40% necesitaba ayuda hasta en el 50% de sus tareas diarias. **Consideraciones finales:** Hubo un bajo nivel de sobrecarga y dependencia de los niños y un alto nivel de bienestar espiritual.

Palabras clave: *Madres, carga del cuidador, niños con discapacidad, espiritualidad.*

Palabras clave: *Madres, carga del cuidador, niños con discapacidad, espiritualidad.*

Introdução

A Organização Mundial da Saúde (OMS) conceitua deficiência como sendo qualquer perda ou anormalidade relacionada à estrutura ou à função psicológica, fisiológica ou anatômica, podendo ser congênita ou adquirida durante a vida, impactando nas funções mentais, intelectuais, físicas ou sensoriais no longo prazo, trazendo prejuízos na atuação plena e efetiva na sociedade (OPAS/OMS, 2024).

As deficiências são tradicionalmente classificadas em quatro tipos principais: físicas, sensoriais, intelectuais e múltiplas. As deficiências físicas envolvem limitações motoras, afetando a mobilidade e a capacidade de realizar atividades diárias. Já as deficiências sensoriais impactam os sentidos, especialmente a visão e a audição, restringindo a interação com o ambiente. As deficiências intelectuais, por sua vez, estão relacionadas a dificuldades no desenvolvimento cognitivo e nas habilidades adaptativas, influenciando a aprendizagem e o comportamento social. Finalmente, as deficiências múltiplas representam a combinação de duas ou mais dessas categorias, exigindo cuidados especializados para atender às necessidades complexas desses indivíduos (Tomaz, Santos, Silva de Avó, Germano & Melo, 2017; Clemente et al, 2022). Essas deficiências afetam de forma significativa a vida das pessoas, que enfrentam barreiras sociais e de acessibilidade, além de uma maior demanda por serviços de saúde e cuidados especializados que requerem maior capacitação dos profissionais de saúde (Sousa et al., 2024).

Cuidar de Pessoas com Deficiência (PcD) demanda um esforço considerável, tanto no aspecto físico quanto emocional, visto que envolve a adaptação contínua das condições de vida e a implementação de terapias e tecnologias assistivas. O cuidado geralmente é feito por familiares, que desempenham papéis fundamentais no apoio diário. Entretanto, a mãe tem sido reconhecida como a principal cuidadora, cuja dedicação pode gerar altos níveis de sobrecarga física e emocional (Gomes & Souza, 2022; Silva & Oliveira, 2023).

A mãe de uma pessoa com deficiência geralmente abre mão de suas próprias necessidades a fim de dedicar-se inteiramente aos cuidados do filho, principalmente nos primeiros anos de vida (Fonseca, de Carvalho-Freitas & Alves, 2020). Assim, a sobrecarga pode se instalar como consequência de uma série de tarefas especiais

realizadas, levando ao intenso cansaço, resultante da necessidade constante de atenção ao ser que está sendo cuidado, em todas as áreas de sua vida, seja em momentos cotidianos, como na alimentação e higiene, quanto em momentos de lazer, em que se defronta com espaços em que não há acesso facilitado para locomoção e estadia (Barros, Barros, Barros & Santos, 2017).

Estudos mostram que pais de crianças com deficiência têm níveis de estresse mais elevados do que pais de crianças com desenvolvimento típico, e que as mães são as mais afetadas. Somando-se à sensação de falta de apoio social, ter que lidar com os distúrbios de comportamento da criança e seus deficits cognitivo e social, amplia-se a percepção do sofrimento emocional dessas mães (Londero, de Souza, Rechia, Van Hoogstraten & Franco, 2021).

Por tudo isso, cuidadores de PcD necessitam de suporte social para ajudá-los a diminuir a sobrecarga e a manter a própria saúde, minimizando os riscos de desenvolvimento de doenças físicas e emocionais, tais como depressão, ansiedade, transtorno obsessivo-compulsivo, entre outros (Frésca et al., 2023). Além disso, o apoio social é um fator de proteção para o abuso de substâncias psicoativas, principalmente entre as mães que experimentam elevados níveis de estresse (Saad & Bastos, 2024).

Pesquisas apontam que o bem-estar espiritual também pode atuar como um fator de proteção, oferecendo uma fonte de resiliência e suporte emocional frente aos desafios diários. A conexão espiritual pode promover uma sensação de propósito e esperança, além de ajudar a reduzir o estresse e a sobrecarga emocional experimentada pelas mães, proporcionando uma base sólida para o cuidado contínuo e o enfrentamento das adversidades (Chaves & Grubits, 2018; Costa & Almeida, 2021). Isso sugere a importância de estratégias de apoio que integrem não apenas cuidados físicos e psicológicos, mas também dimensionem o suporte espiritual das cuidadoras.

Objetivos

Isto posto, este estudo pretende trazer uma reflexão sobre a sobrecarga de mães de pessoas com deficiência, mostrando de forma objetiva e mensurada psicometricamente qual o nível de sobrecarga e de bem-estar espiritual percebidos por elas.

Método

Trata-se de um estudo observacional tranversal, realizado no período de dezembro de 2022 a maio de 2023, em um centro de reabilitação de uma cidade de grande porte do interior do Estado de São Paulo. Este Centro oferece apoio à pessoa com deficiência física, intelectual ou múltipla, habilitando e reabilitando seus pacientes de forma gratuita.

Participaram deste estudo 45 mães de Pessoas com Deficiência, sendo entrevistadas individualmente, nas dependências da instituição, enquanto aguardavam pelo atendimento do filho. Este estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CAAE: 62139722.2.0000.5418) e todas as participantes assinaram o termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Para a caracterização da amostra, foi utilizado um questionário que permitia identificar as seguintes variáveis: a) sobre a mãe: idade, grau de instrução, presença de companheiro, renda mensal e se exercia trabalho remunerado (origem da renda), relato de problemas de saúde (físico e emocional), recordatório sobre mudanças em sua rotina após nascimento do filho (interrupção de estudo ou trabalho, mudança no estado civil, etc.) e presença de rede de apoio; b) sobre o filho: idade, tipo de deficiência e grau de dependência para as atividades do cotidiano.

O grau de sobrecarga da mãe foi mensurado utilizando-se a Escala Burden Interview (Zarit & Zarit, 1987), conhecida como Escala Zarit, em sua versão validada para a população brasileira por Scazufca (2002). Esta Escala permite identificar os fatores que levam à exaustão do cuidador de um paciente ou familiar com baixa capacidade funcional para, posteriormente, proporcionar orientações adequadas às suas necessidades. Trata-se de um instrumento composto por 22 itens que se referem à áreas como: saúde, vida social e pessoal, situação financeira e emocional, bem-estar e relações interpessoais. O escore total da escala é obtido adicionando todos os itens e devem variar de 0 a 88, ou seja, quanto maior o escore, maior a sobrecarga, sendo classificada da seguinte forma: até 20 pontos, considera-se ausência de sobrecarga; entre 21 e 40, sobrecarga moderada; de 41 a 60, sobrecarga moderada a severa e acima de 60, considera-se sobrecarga severa (Mello et al., 2022).

Para mensurar o nível de dependência da PcD foi utilizada a Medida de Independência Funcional (Escala MIF), desenvolvida por Barbetta e Assis (2008), na

versão validada para a população brasileira (Riberto et al., 2004). A escala MIF é organizada pela classificação do paciente em sua habilidade para executar uma atividade independente *versus* sua necessidade por assistência de outra pessoa ou recurso de adaptação. Se a ajuda é necessária, a escala quantifica essa demanda. A necessidade por assistência (carga de cuidado) se traduz pelo tempo ou energia gasta por outra pessoa para atender a necessidade de manter qualidade de vida. Neste instrumento, o escore inclui: 7 pontos representando o nível de completa independência e 1 ponto, a completa dependência. O escore total na escala MIF é calculado a partir da soma de pontos atribuídos a cada item dentro das categorias. Essa pontuação é estipulada pela escala, através de seu equivalente em funcionalidade, com escore mínimo de 18 e máximo de 126 (De Almeida et al., 2022). Segundo Amendola (2007), a classificação quanto ao grau de dependência é calculada da seguinte forma: a) 18 pontos: dependência completa (assistência total); 19-60 pontos: dependência modificada (necessidade de assistência em até 50% da tarefa); 61-103 pontos: dependência modificada (necessidade de assistência em até 25% da tarefa); 104-126 pontos: independência completa-modificada.

O bem-estar espiritual foi medido pela Escala de Bem-Estar Espiritual, desenvolvida por Paloutzian e Ellison (1982), cuja versão brasileira foi validada por Marques, Sarriera e Dell' Aglio (2009). Trata-se de uma medida subjetiva de qualidade de vida, baseada em 20 itens e duas subescalas: bem-estar religioso e bem-estar existencial. Os itens são classificados em uma escala de 6 pontos: concordo totalmente (CT), concordo mais que discordo (CD), concordo parcialmente (CP), discordo parcialmente (DP), discordo mais que concordo (DC) e discordo totalmente (DT). O total da escala é a soma das pontuações destas 20 questões e os escores podem variar de 20 a 120 (Silva & Penha, 2022). As questões são afirmações com conotações positivas (3, 4, 7, 8, 10, 11, 14, 15, 17, 19, 20) as quais possuem as seguintes pontuações: CT= 6, CD= 5, CP=4, DP=3, DC=2, DT=1 e as demais questões são afirmações negativas, como “Não encontro muito apoio de meu Deus”, as quais são somadas na forma invertida CT=1, CD=2, CP=3, DP=4, DC=5, DT=6. Os pontos de corte para a escala são: de 20 a 40, baixo nível de bem-estar; de 41 a 99, médio e de 100 a 120, elevado (Rodrigues, Kirchoff, Siqueira, Greco & Dornelles, 2020).

Os dados foram digitados e tratados no Excel. Foi feita análise descritiva das variáveis para caracterização da amostra. O nível de sobrecarga foi classificado em

“ausência”, “moderado” e “moderado a severa”. O grau de instrução foi classificado em “ensino fundamental”, “ensino médio” e “ensino superior”. A renda mensal foi classificada em “até 1 salário mínimo (SM)”, “de 1 a 3 SM” e “mais de 3 SM”. O nível de bem-estar espiritual foi dividido em três categorias: “baixo”, “médio” e “elevado”, assim como a idade dos filhos em “criança”, “adolescente” e “adulto”. Quanto à necessidade de assistência dos filhos nas tarefas cotidianas há três classificações “necessidade de até 50%”, “necessidade de até 25%” e “independência completa” e as demais variáveis foram dicotomizadas em “sim” e “não” (presença do companheiro, se exerce trabalho remunerado, mudanças na rotina, problemas de saúde, se possui rede de apoio). Por se tratar de um número pequeno de participantes, não foi possível a realização de testes de associação.

Resultados

Este estudo procurou conhecer o grau de sobrecarga e o nível de bem-estar espiritual de mães de PcD e o grau de dependência dessas pessoas. Os dados referentes às 45 díades mãe-filho participantes são apresentados na Tabela 1.

Tabela 1: Distribuição da amostra de acordo com as variáveis socioeconômicas e demográficas investigadas, nível de sobrecarga, de bem-estar espiritual e necessidade de assistência do filho (n= 45).

Variável	Categoria	N	%
Grau de instrução	Ensino fundamental	26	57,8
	Ensino Médio	12	26,7
	Ensino Superior	07	15,5
Presença do companheiro	Sim	20	44,4
	Não	25	55,6
Renda mensal	Até 1 SM*	22	48,9
	De 1 a 3 SM	18	40,0
	Mais de 3 SM	05	11,1
Exerce trabalho remunerado	Sim	17	37,8
	Não	28	62,2

Mudanças na rotina	Sim	27	60,0
	Não	18	40,0
Relatos problemas de Saúde	Sim	27	60,0
	Não	18	40,0
Possui rede de apoio	Sim	28	62,2
	Não	17	37,8
Faixa etária do filho	Criança (0-9 anos)	08	17,8
	Adolescente (10-19 anos)	25	55,5
	Adulto (>19 anos)	12	26,7
Nível de sobrecarga	Ausência	29	64,4
	Moderada	14	31,2
	Moderada a severa	02	4,4
Nível de bem-estar espiritual	Baixo	0	0
	Moderado	7	15,5
	Elevado	38	84,5
Necessidade de assistência do filho	Até 50%	18	40,0
	Até 25%	14	31,2
	Independência completa	13	28,8

*SM = Salário Mínimo vigente na data da coleta dos dados.

A idade das mães variou de 19 a 67 anos, com média de 48 anos (desvio padrão=10,8). Mais da metade (57,8%) das mães estudaram apenas até o ensino fundamental, não tinham a presença do companheiro (55,6% - eram separadas, solteiras ou viúvas), sendo que a maior parte (88,9%) vivia com até 3 salários-mínimos. Cerca de 2/3 das mães (62,2%) não exercia trabalho remunerado e precisou mudar a rotina (60%) para adaptar-se às demandas dos filhos, sendo a interrupção do trabalho remunerado a situação mais comumente relatada.

A faixa etária dos filhos variou de 1 ano e 4 meses a 38 anos, sendo 17,8% crianças, 55,5% adolescentes e 26,7% adultos, de acordo com a classificação da OMS (2016), que considera a adolescência a faixa etária de 10 a 19 anos de idade.

Em relação às condições de saúde física e emocional das mães, 60% relataram algum tipo de problema, tais como diabetes, depressão, ansiedade, hipertensão e hérnia. Cerca de 62,2% delas declararam possuir rede de apoio, se referindo principalmente à participação de outros familiares nos cuidados com a pessoa com deficiência.

Somente pouco mais de um terço das mães (35,7%) apresentou algum grau de sobrecarga, sendo que somente duas mães (4,4%) foram classificadas com sobrecarga severa.

A investigação sobre o nível de bem-estar espiritual mostrou um alto nível entre as mães da amostra, sendo o nível elevado o mais prevalente (84,5%).

Em relação ao grau de dependência dos filhos, nenhum apresentou dependência completa, sendo que 40% dos filhos necessitavam de assistência em até 50% das tarefas; 31,2 % necessitavam até 25% de assistência e 28,8% tinham independência completa para executar tarefas cotidianas (como tomar banho, alimentar-se, usar o banheiro, vestir-se, etc.).

Entre os tipos de deficiências relatadas, destacam-se: Paralisia Cerebral, Autismo (TEA), Síndrome de Down e Síndrome de Lennox. De forma geral, a paralisia cerebral impacta no desenvolvimento das habilidades motoras, e em alguns casos pode afetar os aspectos cognitivos, devido a um dano causado no encéfalo do bebê, levando a criança a não apresentar, ou tardar a apresentar, comportamentos comuns coerentes com sua idade, como engatinhar, que terão repercussões além do seu desenvolvimento psicomotor, em sua vida social e emocional (Mota & Riselo, 2023). Por sua vez, o comprometimento causado pelo TEA pode manifestar-se por dificuldades sociocomunicativas e ocupacionais, com comportamentos estereotipados, capacidade de hiperfoco, dificuldade de comunicação e rigidez de hábitos (Evangelho, Costa, Castro, Bello & Amorim et al., 2021; Freire & Cardoso, 2022; Filadelfo & Brum, 2024). Em relação às pessoas com Síndrome de Down, pode haver atraso intelectual, associado a fatores fenotípicos, como baixa estatura, hipotonia muscular e prega epicântica (Coutinho, Becher, Junior, Meinerz & Pacheco, 2021; Blanco-Montaña et al., 2023). Já a Síndrome de Lennox-Gastaut é caracterizada por crises epiléticas graves e recorrentes durante a infância, sem que os indivíduos com esta Síndrome podem apresentar graves alterações atroficas em regiões importantes do cérebro, que associadas às crises convulsivas múltiplas, ocasionam comprometimentos intelectuais e motores. Comumente são relatadas lesões físicas causadas por quedas, estados hiperativos e agressivos, bem como dificuldades ocupacionais que, juntos, obstaculizam a independência de pessoas com esta síndrome (Cavalcanti et al., 2024).

Discussão

Este estudo verificou o nível de sobrecarga e de bem-estar espiritual de mães de Pessoas com Deficiência, com graus de dependência variados, assistidas por uma instituição pública de reabilitação.

A análise das características demográficas e condições de vida das mães de PcD revela aspectos críticos que podem influenciar diretamente na qualidade de vida e no bem-estar dessas mulheres. O fato de mais da metade das mães ter escolaridade limitada ao ensino fundamental e estar em situação de vulnerabilidade socioeconômica, sendo frequente na amostra a renda mensal de até 1 salário mínimo, pode estar relacionado aos desafios econômicos e às limitações no acesso a recursos de apoio para os cuidados com os filhos (Andrade, Arruda & Santos, 2021).

Famílias com renda mais baixa e menos acesso à educação tendem a enfrentar maiores desafios no cuidado de indivíduos com deficiência, pois a falta de recursos financeiros limita o acesso a tratamentos especializados e serviços de reabilitação necessários para o desenvolvimento dos filhos. As mães em condições socioeconômicas vulneráveis frequentemente precisam abandonar o trabalho remunerado, o que agrava ainda mais a precariedade econômica e a dependência de programas sociais (Gilson, Johnson, Reddihough, & Williams, 2023).

Neste estudo, o baixo nível socioeconômico, evidenciado pelo nível de instrução e de renda, podem ser um fator associado a presença de maior sobrecarga, em que muitas famílias contam apenas com o benefício assistencial à pessoa com deficiência (BPC/LOAS) e não tem condições de exercer trabalho remunerado, principalmente mães sem companheiro, representado por mais da metade da amostra. Além da ausência de um companheiro para contribuir com a renda, destaca-se o isolamento social e a carga adicional de responsabilidades familiares, comuns entre cuidadoras de PcD (Andrade et al., 2021).

Conforme o estudo de Cardoso et al. (2012), as famílias enfrentam altos gastos financeiros nos cuidados terapêuticos. Em um estudo qualitativo com 14 mães de baixas renda e escolaridade, foi relatada elevada sobrecarga devido às dificuldades com o tratamento e a dedicação de tempo integral ao filho (Crisostomo, Grossi & Souza, 2019). Por outro lado, o estudo de Soares, Santos, Silva e Gama, (2020), realizado com mães de

crianças com TEA, encontrou elevado nível de sobrecarga, em que 16 das 20 participantes tinham ensino superior completo, o que corrobora os achados de Freitas, Rocha e Haase (2014) que apontou uma possibilidade de mães com maior escolaridade possuir uma maior expectativa com o desempenho pessoal nos cuidados com o filho, desencadeando uma maior sobrecarga emocional e problemas ligados à saúde.

No presente estudo, em que mais da metade das participantes afirmaram ter problemas de saúde física ou mental, como hipertensão, diabetes e depressão, fica claro que há dificuldades em cuidar da própria saúde devido ao tempo dedicado aos filhos. Estas mães são as cuidadoras principais dos filhos, sendo que mais da metade não tem a presença do companheiro (pai), muitas não têm rede de apoio e precisaram mudar sua rotina de vida após o nascimento do filho com deficiência, cuja demanda por assistência supera 25% das tarefas cotidianas. O estudo de Murphy, Christian, Caplin e Young (2007) apontou que 41% dos cuidadores de crianças com deficiência tiveram sua saúde piorada devido ao longo tempo de dedicação diárias, em que não sobrava tempo e faltava controle sobre as questões do cotidiano. Esse cenário é corroborado pela literatura recente, que indica que o papel de cuidadora primária aumenta o risco de desenvolver problemas de saúde devido à sobrecarga física e mental. O estresse crônico relacionado ao cuidado com filhos dependentes tem sido amplamente associado a condições como ansiedade e depressão, e essas dificuldades são exacerbadas em famílias de baixa renda. Segundo estudos, o cuidado contínuo, sem pausas adequadas e sem apoio, está associado a níveis elevados de estresse e deterioração da saúde mental ao longo do tempo (Dillon-Wallace, McDonagh & Fordham, 2022).

Quanto ao tamanho das famílias e o número de filhos, a literatura aponta aspectos negativos e positivos relacionados a experiências entre irmãos. Estes também vivenciam conflitos e necessitam de assistência psicológica para lidar com os ajustes necessários na família. O lado positivo é que lidar com um irmão com deficiência pode levar à maior maturidade, altruísmo e responsabilidade do irmão sem deficiência, podendo se tornar fonte de apoio às mães (Fiamenghi & Messa, 2007). A presença de uma rede de apoio, composta muitas vezes por familiares próximos, ajuda a aliviar parte da carga emocional e física dessas mães e o respeito às decisões e a afetividade favorecem um maior acolhimento e amparo das mesmas, de modo a se sentirem menos sobrecarregadas (Faro, Santos, Bosa, Wagner & Silva, 2019). De acordo com um estudo de McConnell e Savage

(2021), a participação de familiares no cuidado de crianças com deficiência desempenha um papel crucial na construção da resiliência dessas cuidadoras. Ao receber suporte emocional e prático, essas mães podem experimentar uma redução no estresse diário e aumentar o sentimento de pertencimento e aceitação social. Além disso, o suporte de familiares e amigos frequentemente ajuda a melhorar o bem-estar mental das mães, pois elas têm a oportunidade de compartilhar responsabilidades e se beneficiar de interações sociais positivas (McConnell & Savage, 2021; Gilson, Davis, Johnson, Reddihough & Williams, 2023).

O apoio pode ser manifestado por meio de suporte emocional e/ou material. Conforme os achados do estudo de Pereira-Silva, Oliveira e Rooke (2015), realizado com famílias de jovens com Síndrome de Down, a carência de recursos e de apoio na própria família para proverem assistência satisfatória, faz com que as intervenções públicas sejam necessárias. No presente estudo, o apoio emocional pode estar associado a um menor nível de sobrecarga, com pouco mais de um terço das mães apresentando algum grau de sobrecarga. Essa relativa baixa sobrecarga pode ser explicada pela presença de uma rede de apoio, pois mais da metade relatou contar com ajuda de familiares, o que é essencial para o alívio das pressões diárias e a melhora da saúde emocional (Santos & Oliveira, 2020).

No que se refere ao grau de dependência dos filhos com deficiência, os dados indicam que a maioria necessita de assistência parcial em atividades cotidianas, sem dependência completa. A capacidade de realizar algumas atividades de forma independente pode reduzir a pressão sobre os cuidadores e contribuir para uma menor sobrecarga. Este ponto é relevante, pois, segundo Fernandes, Oliveira e Santana (2021), o nível de dependência da pessoa cuidada é um dos principais fatores que aumentam o risco de sobrecarga entre cuidadores. A menor dependência também pode ser vista como um reflexo positivo dos cuidados recebidos, promovendo maior autonomia e qualidade de vida tanto para as pessoas com deficiência quanto para seus cuidadores.

O baixo nível de sobrecarga das mães também pode estar associado à idade dos filhos, visto que o comportamento dos mesmos tende a melhorar à medida que crescem e a família se torna mais adaptada. Há uma tendência de que a percepção sobre a condição do filho com deficiência seja menos negativa com o passar do tempo, vislumbrando uma

melhora nas possibilidades de desenvolvimento, superando a fase do diagnóstico, que tende ser um período muito estressante (Brito & Alves, 2023).

O alto nível de espiritualidade observado entre essas mães sugere um recurso emocional importante que pode ajudar a reduzir o estresse e a lidar com as demandas de cuidado. Estudos recentes mostram que a espiritualidade e a religiosidade podem oferecer suporte emocional e melhorar a resiliência em situações de estresse contínuo, como o cuidado de um familiar com deficiência (Silva, Ferreira & Costa, 2022). A espiritualidade pode ser uma importante fonte de conforto, especialmente para aquelas que lidam com cuidados de longo prazo para filhos dependentes, como sugeridos em estudos focados em resiliência familiar (McConnell et al., 2021). Segundo Dillon-Wallace et al. (2022), práticas espirituais e religiosas ajudam a lidar com o estresse e a encontrar um propósito, o que pode ser essencial para enfrentar as demandas diárias do cuidado com um filho com deficiência. A espiritualidade e a fé são frequentemente descritas por essas mães como fontes de força, oferecendo-lhes uma perspectiva mais ampla sobre suas experiências de vida e permitindo-lhes encontrar significado no papel de cuidadoras.

A literatura traz a relevância do bem-estar espiritual no enfrentamento de adversidades, proporcionando melhores condições emocionais e de saúde (Marques, Sarriera & Dell'Aglio, 2009; Thurow et al., 2017; Rodrigues, Kirchoff, Siqueira, Greco & Dornelles, 2020). O estudo de Schimidt e Bossa (2003) apontou a relevância das crenças religiosas e a espiritualidade como estratégias de enfrentamento para lidar com as dificuldades do cotidiano de cuidados terapêuticos de filhos com TEA. Outros estudos apontam a importância da religiosidade como forma de apoio, em que a mãe é a principal cuidadora e necessita de suporte para lidar com emoções conflitantes e aceitação de ter um filho com uma situação crônica, como a paralisia cerebral (Dezoti, Alexandre, Freire, Mercês & Mazza, 2015; Rodrigues et al., 2020).

O estudo de Rodrigues, Ferreira & Okido (2018), diferentemente dos achados do presente estudo, apontou que 73% de 100 cuidadores apresentava uma sobrecarga de moderada a severa, chamando a atenção para a predominância de falta de crenças religiosas/espiritualidade entre participantes do seu estudo. Porém, não encontraram associação da elevada percepção de sobrecarga com renda ou ausência de companheiro, mas o maior grau de dependência dos filhos mostrou-se diretamente associado aos maiores níveis de sobrecarga dos cuidadores. Enquanto a maioria das participantes do

estudo de Rodrigues et al (2018) exercia trabalho remunerado, no presente estudo foi encontrado o inverso, o que pode indicar que a responsabilidade com o trabalho e a necessidade de prover economicamente a família podem constituir elemento estressor adicional que, apesar de aumentar a renda, aumenta também a sobrecarga das mães.

O estudo de Barros et al. (2017), realizado com cuidadores de crianças/adolescentes com síndrome de Down também apresentou uma sobrecarga moderada em 72,6% da amostra e este achado estava relacionado com a maior dependência dos filhos e os problemas de saúde associados à síndrome (cardiopatias, problema imunológicos, hipertireoidismo) levando à sobrecarga objetiva e subjetiva. Em outro estudo realizado com 20 mães de crianças com TEA foram apresentados níveis moderados de sobrecarga em 45% da amostra, severa em 40% e nível leve em 15%, mas não conseguiram fazer correlações para justificar a sobrecarga, concluindo que esta poderia ser a combinação de fatores familiares, socio-culturais, relacionados ao comportamento das crianças e com questões financeiras (Soares, Santos, Silva & Gama, 2020).

Neste contexto, é lícito afirmar que os estudos mostram que sobrecarga física e psicológica são comuns em cuidadores de PcD. Assim, buscar estratégias de apoio, para além do apoio da família, como grupos de ajuda, intervenções psicossociais, planejamento de descanso são algumas sugestões para redução de sobrecarga (Teixeira & Oliveira, 2024). Esses estudos reforçam a necessidade de intervenções direcionadas para apoiar as mães cuidadoras, tanto em termos de suporte financeiro quanto psicossocial, além de proporcionar acesso a programas de saúde mental e fortalecer redes de apoio. Dessa forma, será possível melhorar não só o bem-estar das cuidadoras, mas também a qualidade de vida das pessoas com deficiência sob seus cuidados.

Embora o tamanho da amostra não tenha permitido a realização de testes de associação, o que consiste numa limitação deste estudo, os resultados mostraram que o nível de bem-estar espiritual foi elevado para a maioria das mães, sendo a ausência de sobrecarga também altamente prevalente na amostra, mesmo sendo a maioria dos filhos necessitados de assistência para a realização de mais de um quarto das tarefas. Além disso, cada deficiência pode afetar o indivíduo de forma distinta, propiciando diferentes graus de severidade e necessidade de cuidado, impactando no nível de sobrecarga do cuidador. Assim sendo, só é possível fazer inferências sobre essa relação. Portanto,

sugere-se a continuidade deste estudo, com a coleta de um número maior de informações e a extensão da amostra, a fim de possibilitar a realização de análises estatísticas e a verificação dos fatores protetores e de risco à sobrecarga materna.

Considerações finais

Para além das questões estatísticas e da comprovação de associações entre grau de dependência, nível de espiritualidade e sobrecarga materna, este estudo objetivou contribuir para discussões que busquem delinear estratégias possíveis de apoio para as famílias de pessoas com deficiência, em especial as mães, diminuindo as barreiras sociais e de acesso aos cuidados e disponibilizando formas de diminuir sua sobrecarga.

Verificou-se um baixo nível de sobrecarga e de dependência dos filhos e elevado nível de bem-estar espiritual. Prevaleram mães sem companheiro, que não exerciam trabalho remunerado, com baixo nível de renda e de escolaridade.

Agradecemos ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) o fornecimento de bolsa de estudo para a estudante da graduação através do PIBIC.

Referências

- Amendola, F. (2007). Qualidade de vida de cuidadores de pacientes com perdas funcionais e dependência atendidos em domicílio pelo programa de saúde da família do município de São Paulo. (Dissertação de Mestrado, Escola de Enfermagem, Universidade de São Paulo, São Paulo). doi:10.11606/D.7.2007.tde-13072007-092505 Recuperado em 2024-12-06, de www.teses.usp.br
- Andrade, M. L. de, Arruda, R. A., & Santos, F. C. (2021). Condições socioeconômicas e seus impactos na saúde de mães cuidadoras de pessoas com deficiência. *Revista Brasileira de Enfermagem*, 74(2), 335-344.
- Barbetta, D. C., & Assis, M. R. (2008). Reprodutibilidade, validade e responsividade da escala de Medida de Independência Funcional (MIF) na lesão medular: revisão de literatura. *Acta Fisiatr*, 15(3), 176-181
- Barros, A. L. O., Barros, A. O., Barros, G. L. de M., & Santos, M. T. B. R.. (2017). Sobrecarga dos cuidadores de crianças e adolescentes com Síndrome de Down.

Ciência & Saúde Coletiva, 22(11), 3625–3634. <https://doi.org/10.1590/1413-812320172211.31102016>

Blanco-Montaña, A., Ramos-Arenas, M., Yerena-Echevarría, B. A., Miranda-Santizo, L. D., Ríos-Celis, A. L., Dorantes-Gómez, A. T., Morato-Rangel, A. J., Meza-Hernández, J. A., Acosta-Saldívar, E. D., Aguilar-Castillo, C. D., & Cárdenas-Conejo, A. (2023). Factores de riesgo en el origen del síndrome de Down. *Revista médica del Instituto Mexicano del Seguro Social*, 61(5), 638-644. <https://doi.org/10.5281/zenodo.8316459>

Brito, A. P. L. D., & Alves, I. D. O. (2023). Enfrentamento do diagnóstico do Transtorno do Espectro Autista para as famílias. (Trabalho de Conclusão de Curso de Enfermagem, Universidade do Extremo Sul Catarinense). <http://repositorio.unesc.net/handle/1/10542>

Cardoso, L., Vieira, M. V., Ricci, M. A. M., & Mazza, R. S. (2012). Perspectivas atuais sobre a sobrecarga do cuidador em saúde mental. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, 46, 513-517.

Cavalcanti, M. E. N., Cavalcanti, L. P. D. M. A., de Almeida, L. B., da Silva, M. J. T. O., Barros, R. G., & Horta, W. G. (2024). Consequências no desenvolvimento neurológico em crianças portadoras da Síndrome de Lennox-Gastaut. *Research, Society and Development*, 13(4), e12913445635-e12913445635.

Chaves, N.A., & Grubits, S. (2018). A religiosidade/espiritualidade como um possível fator de ajuda à prevenção da prática suicida. *Revista Contemplação*, (16). Recuperado de <https://revista.fajopa.com/index.php/contemplacao/article/view/155>

Clemente, K. A. P., Silva, S. V. da ., Vieira, G. I., Bortoli, M. C. de ., Toma, T. S., Ramos, V. D., & Brito, C. M. M. de .. (2022). Barriers to the access of people with disabilities to health services: a scoping review. *Revista De Saúde Pública*, 56, 64. <https://doi.org/10.11606/s1518-8787.2022056003893>

Costa, M. L., & Almeida, L. T. (2021). Bem-estar espiritual como fator de proteção no cuidado de filhos com deficiência. *Revista Brasileira de Saúde Mental*, 12(4), 156-170.

Coutinho, K. A., Becher, T. V., Junior, L. L. C., Meinerz, C. C., & Pacheco, R. B. (2021). Síndrome de Down, genética e prole: uma revisão de literatura. *Brazilian Journal of Health Review*, 4(4), 17935-17947. <https://doi.org/10.34119/bjhrv4n4-272>

Crisostomo, K. N., Grossi, F. R. da S., & Souza, R. dos S. (2019). As Representações Sociais da Maternidade para Mães de Filhos(as) com Deficiência. *Revista Psicologia E Saúde*, 11(3), 79–96. Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=609863970006>

- De Almeida, M. B. C., Gomes, M. A. C., de França, I. R., Borges, M. B., de Andrade, G. F., Bini, A. C. D., Teixeira, J. de L., & Lopes, J. (2022). Correlação entre funções executivas e independência funcional em indivíduos após acidente vascular encefálico: Correlation between executive functions and functional independence in individuals after stroke. *Brazilian Journal of Health Review*, 5(5), 20588–20603. Disponível em: <https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BJHR/article/view/53076>.
- Dezoti, A. P., Alexandre, A. M. C., Freire, M. H. de S., Mercês, N. N. A. das ., & Mazza, V. de A.. (2015). Apoio social a famílias de crianças com paralisia cerebral. *Acta Paulista De Enfermagem*, 28(2), 172–176. <https://doi.org/10.1590/1982-0194201500029>
- Dillon-Wallace, J. A., McDonagh, S. H., & Fordham, L. A. (2022). A espiritualidade e o bem-estar psicológico entre mães cuidadoras de crianças com deficiência. *Journal of Autism and Developmental Disorders*, 52(4), 1218-1230.
- Evangelho, V. G. O., Costa, F. D. M. R., Castro, H. C., Bello, M. L., & Amorim, M. R. (2021). Autismo no Brasil: uma revisão sobre estudos em neurogenética. *Revista Neurociências*, 29, 1-20. DOI - 10.34024/rnc.2021.v29.12440
- Faro, K. C. A., Santos, R. B., Bosa, C. A., Wagner, A., & Silva, S. S. da C. (2019). Autismo e mães com e sem estresse: análise da sobrecarga materna e do suporte familiar. *Psico*, 50(2), e30080. <https://doi.org/10.15448/1980-8623.2019.2.30080>
- Fernandes, P. R., Oliveira, S. A., & Santana, L. A. (2021). A influência do grau de dependência na sobrecarga dos cuidadores de pessoas com deficiência. *Revista Saúde e Sociedade*, 30(3), 622-633.
- Fiamenghi Jr., G. A., & Messa, A. A. (2007). Pais, filhos e deficiência: estudos sobre as relações familiares. *Psicologia: Ciência E Profissão*, 27(2), 236–245. <https://doi.org/10.1590/S1414-98932007000200006>
- Filadelfo Cosme, C., & Brum Leitão, I. (2024). Crianças autistas: como terapeutas lidam com os comportamentos autolesivos e heterolesivos?. *Psicologia Argumento*, 42(118). <https://doi.org/10.7213/psicolargum.42.118.AO04>
- Fonseca, S. C., de Carvalho-Freitas, M. N., & Alves, B. A. (2020). Investigação-ação com mães de pessoas com deficiência intelectual: a redução da sobrecarga como um projeto de vida. *Revista Educação Especial*, 33, 1-21. <http://dx.doi.org/10.5902/1984686X40373>
- Freire, M. G., & Cardoso, H. D. S. P. (2022). Diagnóstico do autismo em meninas: Revisão sistemática. *Revista Psicopedagogia*, 39(120), 435-444. <https://doi.org/10.51207/2179-4057.20220033>
- Freitas, P.M.D, Rocha, C.M. & Haase, V.G. (2014). Análise dos preditores do estado psicológico das mães de crianças com Paralisia Cerebral. *Estudos e Pesquisas em*

Psicologia, 14(2), 453-473. Recuperado em 07 de setembro de 2023, de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-42812014000200005&lng=pt&tlng=pt.

Frésca, V. F. T., Madeira, C. C., da Cunha, L. M. dos S., Yamamoto, M. A., Marques, F. C. V. B. F., Toledo, M. F., & Alves de Souza Júdice, W. (2023). Qualidade de vida dos cuidadores de indivíduos com limitações neurológicas. *Revista Extensão*, 6(2), 80-89. Recuperado de <https://revista.unitins.br/index.php/extensao/article/view/4816>

Gilson, K. M., Davis, E., Johnson, S., Reddihough, D., & Williams, K. (2023). Impactos econômicos e psicossociais nas mães de crianças com deficiência. *Child: Care, Health and Development*, 49(1), 107-115.

Gomes, R. M., & Souza, P. S. (2022). Cuidados e apoio às pessoas com deficiência: desafios e perspectivas. *Revista Brasileira de Políticas Públicas*, 16(3), 112-129.

Londero, A., de Souza, A., Rechia, I., van Hoogstraten, A., & Franco, V. (2021). Adaptação parental ao filho com deficiência: revisão sistemática da literatura. *Interação em Psicologia*, 25(2). doi:<http://dx.doi.org/10.5380/riep.v25i2.60759>

Marques, L. F.; Sarriera, J. C. & Dell'Aglio, D.D. (2009). Adaptação e validação da Escala de Bem-estar Espiritual (EBE): Adaptation and validation of Spiritual Well-Being Scale (SWS). *Aval. psicol.* [Internet]. [citado 2023 Ago 28]; 8(2): 179-186. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-04712009000200004&lng=pt

McConnell, D., & Savage, A. (2015). Estresse e resiliência entre famílias que cuidam de crianças com deficiência intelectual: Expandindo a agenda de pesquisa. *Current Developmental Disorders Reports*, 2, 100–109. <https://doi.org/10.1007/s40474-015-0040-z>

Melo, M. dos S. A., Coura, A. S., França, I. S. X. de ., Feijão, A. R., Freitas, C. C. da S. L., & Aragão, J. da S.. (2022). Sobrecarga e qualidade de vida dos cuidadores de pessoas acamadas em domicílio. *Acta Paulista De Enfermagem*, 35, eAPE02087. <https://doi.org/10.37689/acta-ape/2022AO02087>

Mota, J. D., Soares, M. F., & Riselo, J. R. (2023). Exploring the therapeutic benefits of hippotherapy in the treatment of cerebral palsy: A review study. *Research, Society and Development*, 12(14), e50121444531. <https://doi.org/10.33448/rsd-v12i14.44531>

Murphy, N. A., Christian, B., Caplin, D. A., & Young, P. C. (2007). The health of caregivers for children with disabilities: caregiver perspectives. *Child: care, health and development*, 33(2), 180-187. doi:10.1111/j.1365-2214.2006.00644.x
OPAS/OMS (2024) encontrado em: <https://www.paho.org/pt/topicos/deficiencia#:~:text=Pessoas%20com%20defici%C>

3%AAn%20s%C3%A3o%20aquelas,de%20condi%C3%A7%C3%B5es%20com%20as%20demais

- Paloutzian, R. F., & Ellison, C. W. (1982). Loneliness, spiritual well-being, and the quality of life. In L. A. Peplau & D. Perlman (Eds.), *Loneliness: A sourcebook of current theory, research, and therapy* (pp. 224-237). New York: Wiley
- Pereira-Silva, N. L., Oliveira, D. L., & Rooke, I. M. (2015). Famílias com adolescente com síndrome de Down: Apoio social e recursos familiares. *Avances en Psicología Latinoamericana*, 33(2), 269-283. <https://doi.org/10.12804/apl33.02.2015.07>
- Ribeiro, M., Miyazaki, M. H., Jucá, S. S. H., Sakamoto, H., Pinto, P. P. N., & Battistella, L. R. (2004). Validação da versão brasileira da Medida de Independência Funcional. *Acta Fisiátrica*, 11(2), 72-76.
- Rodrigues, D. Z., Ferreira, F. Y., & Okido, A. C. (2018). Sobrecarga do cuidador familiar de crianças com necessidades especiais de saúde. *Revista Eletrônica de Enfermagem*, 20, v20a48. <https://doi.org/10.5216/ree.v20.53190>
- Rodrigues, F. de O., Kirchoff, R. S., Siqueira, D. F. de, Greco, P. B. T., & Dornelles, C. da S. (2020). Bem-estar espiritual em enfermeiros de um hospital de médio porte. *Saúde (Santa Maria)*, 46(1). <https://doi.org/10.5902/2236583439315>
- Saad, A. P. R., & Bastos, P. R. H. de O. (2024). Explorando a dinâmica familiar de crianças com Transtorno do Espectro do Autismo: uma análise dos eventos cotidianos e experiências maternas. *Revista Educação Especial*, 37(1), e4/1–29. <https://doi.org/10.5902/1984686X84906>
- Santos, A. G., & Oliveira, T. R. (2020). A importância da rede de apoio no alívio da sobrecarga em mães cuidadoras de pessoas com deficiência. *Revista Psicologia e Saúde*, 32(1), 56-67.
- Santos, G. M. V. dos, Pícoli I. A., Salgado A. L., Ferreira A. C. D., Silveira C. de P., & Takeshita I. M. (2021). Cuide-se para Cuidar: a promoção do autocuidado entre mães de crianças com deficiência por meio da extensão universitária. *Revista Eletrônica Acervo Saúde*, 13(11), e8956. <https://doi.org/10.25248/reas.e8956.2021>
- Soares, R. B., Coutinho, L. N., Barbosa, W. de F., & Rocco, L. (2020). O efeito de filhos com deficiência intelectual na oferta de trabalho das mães no Brasil. *Revista Brasileira De Estudos De População*, 37, e0133. <https://doi.org/10.20947/S0102-3098a0133>
- Scazufca, M. (2002). Brazilian version of the Burden Interview scale for the assessment of burden of care in carers of people with mental illnesses. *Brazilian Journal of Psychiatry*, 24(1), 12–17. <https://doi.org/10.1590/S1516-44462002000100006>

- Silva, R. P., & Oliveira, A. F. (2023). O papel da mãe como cuidadora principal de pessoas com deficiência: desafios e apoio emocional. *Cadernos de Psicologia*, 19(2), 87-103.
- Silva, R. C., Ferreira, A. P., & Costa, E. A. (2022). Espiritualidade como fonte de resiliência em mães de crianças com deficiência. *Revista Brasileira de Saúde Materno Infantil*, 22(2), 112-120.
- Silva, S. H., & Penha Martins, E. A. (2022). Avaliação da espiritualidade e do bem-estar espiritual em estudantes da graduação de enfermagem / Evaluation of spirituality and spiritual well-being in nursing graduation students. *Journal of Nursing and Health*, 12(1). <https://doi.org/10.15210/jonah.v12i1.21081>
- Soares, A. P. T., da Silva, B. M., Santos, L. S., & Gama, G. L. (2020). Transtorno do Espectro Autista (TEA): Conhecimento e Sobrecarga dos Pais. *Saúde e Desenvolvimento Humano*, 8(3), 09-16. <https://doi.org/10.18316/sdh.v8i3.6971>
- Sousa, A. L. D. A. da S., Silva, C. J. da C. e, Gonzalez, L. P., Melo, A. V. de S., Tissiani, A. A., Brito, I. P., Barbosa, L. L., & Deininger, L. de S. C. (2024). Análise das barreiras enfrentadas pelas pessoas com deficiência nos serviços de saúde: uma revisão integrativa. *Revista JRG De Estudos Acadêmicos*, 7(14), e14708. <https://doi.org/10.55892/jrg.v7i14.708>
- Teixeira, V. G., & Oliveira, M. F. de. (2024). a importância do cuidado com os cuidadores de pessoas com deficiência: revisão sistemática. *Journal of Media Critiques*, 10(26), e62. <https://doi.org/10.17349/jmcv10n26-007>
- Tomaz, R. V. V., Santos, V. de A., Silva de Avó, L. R. da ., Germano, C. M. R., & Melo, D. G.. (2017). Impacto da deficiência intelectual moderada na dinâmica e na qualidade de vida familiar: um estudo clínico-qualitativo. *Cadernos De Saúde Pública*, 33(11), e00096016. <https://doi.org/10.1590/0102-311X00096016>
- Thurrow, A.C., Charão, C. de S., Mortagua, E. de O. & Souza, L.D. de M. (2017). Bem-Estar Espiritual e Religião em Doutorandos de Universidade Comunitária. *Revista de Psicologia da IMED*, 9(2), 77-92. <https://dx.doi.org/10.18256/2175-5027.2017.v9i2.2169>
- Zarit, S. H., Anthony, C. R., & Boutselis, M. (1987). Interventions with caregivers of dementia patients: Comparison of two approaches. *Psychology and Aging*, 2(3), 225-232. <https://doi.org/10.1037//0882-7974.2.3.225>